Academic Journal of Studies in Society, Sciences and Technologies – Geplat Papers,
volume 6, issue 1, 2025 (**ISSN: 2675-4967**)
http://geplat.com/papers/index.php/home

Artigo
Article

POR LINHAS NÃO RETAS: PERCURSOS METODOLÓGICOS EM PESQUISA SOBRE CORPOS INFANTIS, AFETOS E UM PARQUE URBANO

BY NON-STRAIGHT LINES: METHODOLOGICAL APPROACHES IN RESEARCH ON CHILDREN'S BODIES, AFFECTIONS AND AN URBAN PARK

Ana Beatriz Caldas Davi[1]
Raoni Borges Barbosa[2]

RESUMO: A pesquisa cujos percursos metodológicos compartilhamos aqui se delimita no cenário do urbano mossoroense, cidade interiorana do estado do Rio Grande do Norte. No único parque urbano presente em sua malha socioespacial, espaço primordialmente de lazer que busca promover o contato mais próximo com a natureza em meio ao concreto frio do urbano, o Parque Ecológico Professor Maurício de Oliveira segue a essência de sua categoria espacial. Inaugurado em 2016, às margens do rio Apodi-Mossoró, de vegetação primordialmente da caatinga, o Parque Municipal foi revitalizado em 2019. Com público diverso em faixas etárias e configurações sociais, é frequentado por famílias, casais, grupos religiosos, ações extensionistas, grupos diversos e até turmas escolares. Oferece o contato com a natureza, preservada ou ainda manipulada, mesas para piqueniques, parquinho infantil, uma academia ao ar livre destinada inicialmente aos idosos, passeios concretados e trilhas, essas últimas, por vezes, feitas também pelos usuários em seus caminhos pelo Parque. Além de uma delimitação espacial-geográfica do urbano, a pesquisa se propõe a compreender os afetos que são inscritos no corpo que se faz presente no urbano do Parque a partir da perspectiva das crianças, portanto, têm ainda uma delimitação socioantropológica. Compreender as dimensões que envolvem o corpo infantil em foco no urbano é corroborar com a criança enquanto sujeito social e cultural dotado de agência. **Palavras-chave:** percursos metodológicos, corpos infantis, afetos, parque municipal de Mossoró-RN.

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas da UERN – PPGCISH. E-mail: abeatrizdcaldas@gmail.com
[2] Doutor em Antropologia. Pesquisador bolsista DCR-CNPq FAPEPI. Vice-coordenador do Grupo de Pesquisa sobre Identidades Coletivas, Conhecimentos Tradicionais e Processos de Territorialização da UFPI. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFPI - PPGAnt. Professor Visitante da UFRR. E-mail: raoniborgesbarbosa@gmail.com

ABSTRACT: The research whose methodological paths we share here is limited to the urban setting of Mossoró, a city in the interior of the state of Rio Grande do Norte. In the only urban park present in its socio-spatial network, a space primarily for leisure that seeks to promote closer contact with nature amidst the cold concrete of the urban environment, the Professor Maurício de Oliveira Ecological Park follows the essence of its spatial category. Opened in 2016, on the banks of the Apodi-Mossoró River, with vegetation primarily from the caatinga, the Municipal Park was revitalized in 2019. With a diverse audience in age groups and social configurations, it is frequented by families, couples, religious groups, extension activities, diverse groups and even school classes. It offers contact with nature, preserved or still manipulated, picnic tables, a playground, an outdoor gym initially intended for the elderly, concrete sidewalks and trails, the latter sometimes also used by users on their way through the Park. In addition to a spatial-geographic delimitation of the urban, the research aims to understand the affections that are inscribed in the body that is present in the urban area of the Park from the perspective of children, therefore, they also have a socio-anthropological delimitation. Understanding the dimensions that involve the child's body in the urban area is to corroborate the child as a social and cultural subject endowed with agency. **Keywords:** methodological paths, children's bodies, affections, municipal park of Mossoró-RN.

INTRODUÇÃO

> O que andar, tecer, observar, cantar, contar histórias, desenhar e escrever têm em comum? A resposta é que todos eles procedem ao longo de um tipo ou outro de linhas.
> (INGOLD, 2022, p. 23)

O que as linhas têm a ver com a escrita sobre o percurso metodológico em uma pesquisa? Para Ingold (2022), tudo, uma vez que nós geramos linhas em todos os caminhos que fazemos e que os textos se tecem em fios entrelaçados com as linhas do vivido em campo. Para nós, também. Traçar a rota metodológica de uma pesquisa em ciências sociais e humanas se torna um processo quase artesanal e único.

Os dizeres que o campo revela, conforme a pesquisa acontece, indicam os caminhos a serem trilhados na medida em que se caminha por eles. As ciências sociais são autônomas, e, portanto, podem construir conhecimento a partir de seus próprios métodos e até mesmo das outras tantas ciências, ainda que esses fazeres não sejam semelhantes.

Cada pesquisa exigirá uma estratégia metodológica ou outra e nem sempre aquilo funcionará em outras pesquisas similares. O método, portanto, não é universal, é uma técnica de conhecimento, e este conhecimento será validado através da eficiência que esse método trará para uma determinada pesquisa, e assim, através dos seus resultados (WEBER, 2006).

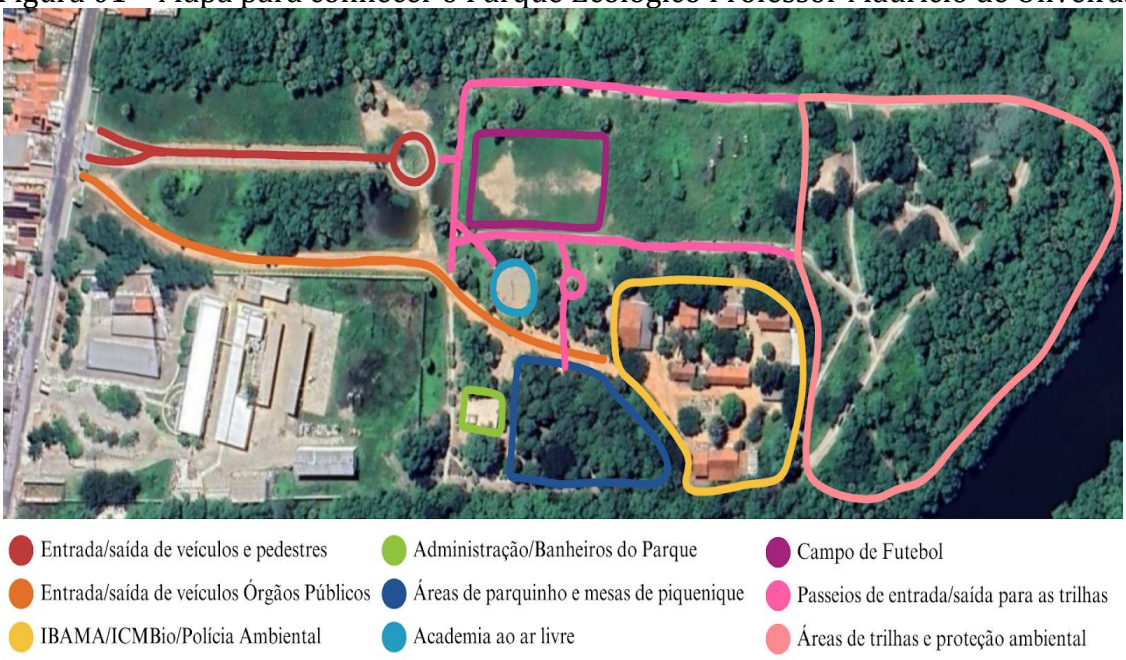
Tomamos o método pelo guia inicial, a partir dele elencamos teorias e técnicas que se fazem inicialmente suficientes para suprir a questão de pesquisa e validar hipóteses. Quando se entra em campo, as estratégias metodológicas surgem conforme se fazem necessárias. Ainda munida das teorias, processos e técnicas, a metodologia não se desprende da criatividade, sendo “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (MINAYO, 2002, p. 16).

PARQUE MUNICIPAL: LUGAR DE AFETOS INFANTIS

A pesquisa cujos percursos metodológicos aqui compartilhamos se delimita no cenário do urbano mossoroense, cidade interiorana do estado do Rio Grande do Norte. No único parque urbano presente em sua malha socioespacial, espaço primordialmente de lazer que busca promover o contato mais próximo com a natureza em meio ao concreto frio do urbano, o Parque Ecológico Professor Maurício de Oliveira segue a essência de sua categoria espacial.

Inaugurado em 2016, às margens do rio Apodi-Mossoró, de vegetação primordialmente da caatinga, o Parque Municipal foi revitalizado em 2019. Com público diverso em faixas etárias e configurações sociais, é frequentado por famílias, casais, grupos religiosos, ações extensionistas, grupos diversos e até turmas escolares. Oferece o contato com a natureza, preservada ou ainda manipulada, mesas para piqueniques, parquinho infantil, uma academia ao ar livre destinada inicialmente aos idosos, passeios concretados e trilhas, essas últimas, por vezes, feitas também pelos usuários em seus caminhos pelo Parque.

Figura 01 – Mapa para conhecer o Parque Ecológico Professor Maurício de Oliveira.



Fonte: Davi, 2024.

Além de uma delimitação espacial-geográfica do urbano, a pesquisa se propõe a compreender os afetos que são inscritos no corpo que se faz presente no urbano do Parque a partir da perspectiva das crianças, portanto, têm ainda uma delimitação socioantropológica. Compreender as dimensões que envolvem o corpo infantil em foco no urbano é corroborar com a criança enquanto sujeito social e cultural dotado de agência (PROUT; JAMES *apud* PIRES, 2008).

A criança atuante tem função ativa nas relações sociais em que ela se envolve, dessa forma ela não é mera receptora e interceptora de informações, mas sim capaz de expressar suas próprias ideias e interesses, fazendo parte das construções sociais em sua

volta (COHN, 2005). Além das crianças, os adultos responsáveis por elas também estão envolvidos na pesquisa, para além das questões éticas e legais.

Aqui se compreende que: "Uma criança aprende sobre o mundo que lhe cerca e toma conhecimento dele nas relações sociais que estabelece com os outros membros da sua comunidade, sejam eles adultos ou crianças". (PIRES, 2008, p. 140). Dessa forma, ao manter a pesquisa restrita a observação e escuta das crianças, poderiam se perder algumas nuances das questões sociais e culturais que as cercam, uma vez que elas estão também inseridas no contexto dos adultos.

As crianças não vivem embaladas a vácuo em suas redes lúdicas de sociabilidades e culturas próprias, elas também estão inseridas no campo ampliado da sociedade, interagindo, construindo e modificando seus próprios entenderes e, também impactando no *mundo dos adultos*, portanto estes também são considerados na pesquisa, buscando evitar uma compreensão limitada ou distorcida da experiência infantil no Parque.

Compreendendo as dimensões iniciais que envolvem a pesquisa, sendo elas seu objetivo e recortes espacial e de sujeitos, dá-se início a construção metodológica para alcançar seus resultados. Assim, a pesquisa caminha por trilhas de bases etnográficas, não enquanto método (PEIRANO, 2014), mas enquanto uma postura metodológica para possibilitar vi(ver) o campo, para além de uma descrição dos fatos, mas através de uma interpretação em perspectivas semióticas em busca de significados para os aspectos socioculturais (GEERTZ, 2008) e conferindo valor epistemológico às comunicações não planejadas (FAVRET-SAADA, 2005).

Assim como outros aspectos da vida humana e também de vários outros saberes, as perspectivas teóricas, paradigmas e abordagens nas pesquisas das ciências sociais passam por processos de dinamicidade influenciadas pelo mundo social. A etnografia passa a ser, inclusive, escolha de outras áreas disciplinares ou em linhas interdisciplinares, da qual a pesquisa delimitada aqui caminha, alcançando também corpos mais potencialmente criativos, porém, pode ser compreendida para além de um método ou prática de pesquisa, mas sim como sendo "(...) a própria teoria vivida." (PEIRANO, 2008, p. 3).

A partir de uma observação etnográfica, que envolve não somente a observação, mas a participação enquanto pesquisador no campo e com os sujeitos, como também deles próprios na construção da pesquisa. Assim, pensamos em integrar ferramentas e materiais à ludicidade a fim de garantir um maior envolvimento por parte das crianças. Uma vez que a pesquisa envolve a escuta delas, permitindo que suas experiências apareçam da forma mais autêntica possível, as ferramentas de pesquisa utilizadas foram também disponibilizadas a elas.

Os registros imagéticos do campo, obtidos através das fotografias, vídeos e representações gráficas são realizados em vias de mão dupla pela pesquisadora e pelos pesquisados. Um *smartphone* e duas câmeras infantis, um caderno de campo e folhas sulfite, lápis, canetas e giz de cera e lápis de cor. Registros da experiência infantil no Parque através da observação e da participação ativa dos atores sociais.

Figura 02 – Materiais de campo.

Fonte: Acervo pessoal.

Para além das inscrições em imagens, as crianças têm a possibilidade de registrar seus afetos de forma simbólica através de adesivos representando emoções mais facilmente compreendidas por elas. São disponibilizados a elas, um mapa do Parque e um conjunto de adesivos, sem restrições à quantidade de uso de cada, com as seguintes emoções: alegria, tristeza, raiva, medo, vergonha, surpresa, confiança e calma. As crianças conversam e compartilham suas experiências vividas no Parque através do que sentem ali, seja sobre o dia que vivenciaram ou sobre as demais experiências que já tiveram.

Por esse recurso metodológico é possível mapear e compreender mais sobre as inscrições corpográficas afetivas que o experienciar o Parque gera nos corpos infantis que ali também se inscrevem. Alergia pela diversão do brincar, surpresa por encontrar algo inesperado, calma através do contato com a natureza, ou até mesmo vergonha por interagir com novas pessoas.

A experiência do urbano delimitado no Parque se inscreve no corpo conforme a criança vivencia os espaços, fazendo parte de si e também deixando um pouco de si ali, afinal, "corpo e cidade se configuram mutuamente e que, além dos corpos ficarem inscritos nas cidades, as cidades também ficam inscritas e configuram os nossos corpos. " (BRITTO; JACQUES, 2012, p. 144).

As imagens na pesquisa aparecem não somente como referencial ou resultados colhidos em campo, mas também como uma ferramenta metodológica buscando comunicar-se para além da descrição feita enquanto pesquisadores (BARBOSA, 2014). A pesquisa se ampara no poder de revelação das imagens dos aspectos mais subjetivos da experiência da criança, além de permitir que seus registros apareçam da forma mais autêntica possível, através de suas próprias mãos.

Trilhando o caminho personalizado da estratégia metodológica seguida é possível adequar-se ao contexto ao qual a pesquisa está inserida, como as metodologias

participativas e lúdicas para compreender as crianças, que funcionam com muito mais fluidez, engajamento e proximidade do que uma entrevista direta ou questionário submetido somente aos pais. A participação ativa das crianças garante ainda uma maior profundidade na busca pelo entendimento de como se dão suas experiências no Parque.

É certo que o andar que se faz nesse percurso não é em linhas retas, e que não se busca por isso, mas são em linhas que se conectam, cruzam, vão e voltam, e que eventualmente, se escrevem com as descobertas que o campo revela. Escritos para além do simbólico de uma língua, mas sim linhas conectadas ao mundo vivido.

> Então, como foi que a linha, que é propriamente *linear*, passou a ser tida de antemão como reta? Parece que nas sociedades modernas, retidão passou a ser um epítome não só do pensamento racional e da argumentação, mas também dos valores de civilidade e retitude moral. (INGOLD, 2022, p. 26)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente discussão buscou problematizar, em termos teóricos e metodológicos, a agência infantil em processos espontâneos de construção de situações afetivamente carregadas no urbano contemporâneo, mais especificamente no Parque Ecológico Professor Maurício de Oliveira, em Mossoró – RN.

Nesse sentido, a pesquisa enfatizou a percepção da criança em coletividade pública enquanto ator e agente social reflexivo, criativo e crítico no contexto das interações simbólicas e socioespaciais em que participa, bem como explorou a perspectiva do pesquisador que observa, participa e se afeta no desenrolar mesmo da pesquisa com e sobre a criança fazendo cidade e vice-versa. Perspectiva esta bastante complexa de compreender as inscrições corpográficas afetivas na relação criança-cidade como um tecer não linear (mas multidirecionado e rizomático) de fios de experiências e vivências.

A pesquisa, portanto, debruça-se sobre as visualidades subjetivadas em emoções das crianças em atividade lúdica no parque e sobre suas micronarrativas verbais e corpográficas. Trata, assim, de realizar uma ousada interface em estudos sobre o urbano e sobre emoções sob a ótica de uma agência e papel social historicamente negligenciado pelas Ciências Sociais e Humanas: a criança em situações espontâneas de ludicidade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Andréa. Imagem, Pesquisa e Antropologia. **Cadernos de Arte e Antropologia** [online] v. 3, n. 2, p. 3-8, 2014.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Corpo & cidade: coimplicações em processo. Belo Horizonte: **Rev. UFMG**, v.19, n. 1 e 2, p. 142-155, 2012.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DAVI, Ana Beatriz Caldas. Ei, a cidade é minha também! As relações comunicativas entre crianças e o Parque Ecológico Professor Maurício de Oliveira. Orientadora: Paula Apolinário Zagui. 2024. TCC (Graduação) – Curso de Publicidade e Propaganda, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2024.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **"Ser afetado", de Jeanne Favret-Saada.** Tradução: Paula Siqueira. Cadernos De Campo, São Paulo, 13(13), p. 155-161, 2005.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: **A interpretação das culturas.** 1.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

INGOLD, Tim. **Linhas: uma breve história**. Tradução: Lucas Bernardes. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: _____. (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n° 42, p. 377-391, 2014.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou teoria vivida. **Ponto Urbe** [online], 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1890>.

PIRES, Flávia. Pesquisando crianças e infância: abordagens teóricas para o estudo das (e com as) crianças. São Paulo: **Cadernos de campo**, n.17, p. 1-348, 2008.

WEBER, Max. A "objetividade" do conhecimento nas ciências sociais. In: _____. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 2006.

Cronologia do Processo Editorial

Editorial Process Chronology

Recebido em: 02/04/2025
Aprovado em: 29/04/2025

Received in: April 02, 2025
Approved in: April 29, 2025